



### ANO INTERNACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS: CENÁRIO LINGUÍSTICO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA GUARITA

Celina Eliane Frizzo (UNIJUÍ/UFS)<sup>1</sup>  
[frizzocelina@gmail.com](mailto:frizzocelina@gmail.com)

Marcelo Jacó Krug (UFFS)<sup>2</sup>  
[marcelokrug@yahoo.de](mailto:marcelokrug@yahoo.de)

Cristiane Horst (UFFS)<sup>3</sup>  
[cristianehorst@yahoo.de](mailto:cristianehorst@yahoo.de)

**RESUMO:** No ano em que se comemora “O Ano Internacional das Línguas Indígenas (*International Year of Indigenous languages – IYIL2019*)”, iremos, com o presente trabalho, apresentar, com base em fatores extralinguísticos e linguísticos, como está a atual situação do Kaingang e o uso do português na Terra Indígena Guarita, no noroeste do Rio Grande do Sul. Muitos estudos descrevem e trazem dados de comunidades indígenas do norte ou nordeste do país, porém poucos são os estudos, dentro da área de Linguística, que trazem as comunidades indígenas no sul, o que as fazem, muitas vezes, serem apagadas do cenário linguístico. Nossos dados são oriundos da pesquisa de campo realizada em 2016 e para este artigo fizemos um recorte de oito perguntas do questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (Krug, 2013) e aplicado a oito informantes, quatro informantes femininas e quatro masculinos, destes oito informantes temos quatro informantes jovens (18 - 36 anos) e quatro mais velhos (acima de 55 anos). Nossos dados apontam para uma leve revitalização do Kaingang, mas que ainda temos muito a fazer, principalmente na questão da valorização da língua entre os próprios usuários. Para isso propõe-se utilizar políticas *in vivo* por meio das tecnologias que promovam a revitalização e a manutenção do Kaingang e isso tudo, por meio da escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Kaingang. Contato Linguístico. Manutenção e Revitalização Linguística.

**ABSTRACT:** In the year in which it is celebrated the *International Year of Indigenous languages – IYIL2019* we will, with the present work, posit, based on extralinguistic and linguistic factors, how is the current situation of the Kaingang and the use of Portuguese in the Guarita Indigenous Land, in the northwest of Rio Grande do Sul. Many studies describe and bring data from indigenous communities in the north or northeast of the country, but few studies in the area of Linguistics bring indigenous communities in the south, which often make them extinguished from the linguistic scene. Our data comes from the field research conducted in 2016 and for this article we made a cross-cutting of eight questions from the Contact Languages at the Border Atlas (Krug, 2013) questionnaire and applied to eight informants, four female informants and four male informants. Eight of them have four young informants

<sup>1</sup> Graduada em Letras Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

<sup>2</sup> Graduado em Letras - Português Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Filologia Românica pela Christian – Albrechts Universität zu Kiel na Alemanha.

<sup>3</sup> Graduada em Letras Português/Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2001) e Doutor(a) em Letras/Filologia Românica pela Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (Alemanha).



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

(18-36 years) and four older (55+) informants. Our data points to a slight revitalization of Kaingang, but we still have a lot to do, mainly in the issue of the valuation of the language among the users themselves. For this purpose, it is proposed to use policies *in vivo* through the technologies that promote the revitalization and maintenance of Kaingang and all this, through the school.

**KEYWORDS:** Kaingang language. Linguistic contact. Linguistic Maintenance and Revitalization.

No presente artigo iremos dialogar sobre a Terra Indígena Guarita (doravante TIG), trazendo a realidade de uma comunidade Kaingang com base em amostras linguísticas coletadas e analisadas entre 2015 e 2017. A partir destas análises foi possível observar que, mesmo os grupos indígenas sendo diferentes entre si, as questões de preservação da língua e as dificuldades de passar suas variedades para seus descendentes são muito semelhantes. Esta também não é uma preocupação somente dos indígenas do Brasil, mas sim, dos povos indígenas do mundo todo. Tamanha a preocupação que a UNESCO estabeleceu 2019 como “O Ano Internacional das Línguas Indígenas (*International Year of Indigenous languages – IYIL2019*)”. Nesse sentido, abordaremos fatores linguísticos e extralinguísticos, que atualmente possam contribuir para a manutenção e/ou substituição linguística no espaço da TIG. Visto que, em muitos dos casos, é a partir dos fatores extralinguísticos como localização, mobilidade, idade, gênero, religião, o ensino da língua Kaingang e portuguesa na escola, atitudes e crenças linguísticas, a expansão dos meios de comunicação e tecnológicos, o contato com o não indígena por meio de instituições como por exemplo, a da saúde e da agricultura, influenciam diretamente na manutenção ou substituição da variedade e cultura indígena Kaingang.

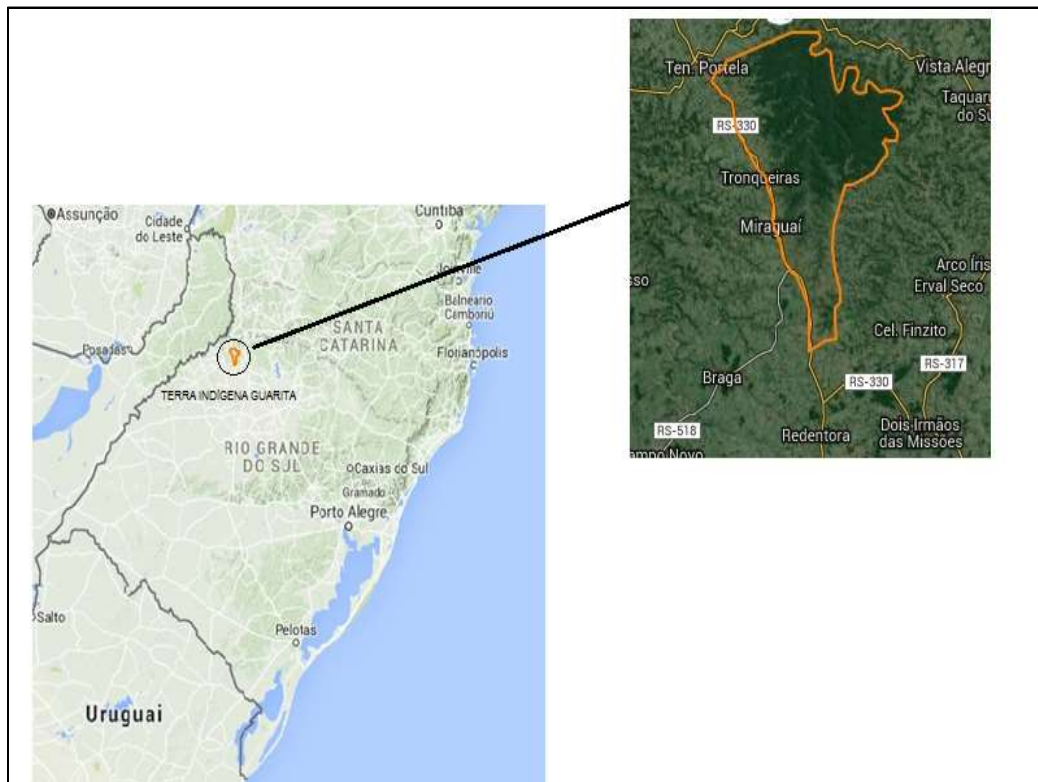
A TIG está localizada no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, abrangendo a zona rural dos municípios de Erval Seco, Redentora e Tenente Portela. É a reserva mais populosa do estado, com 6.001, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo de 2010, onde encontramos etnias Kaingang (na maioria) e Guarani (em minoria) (WISNIEWSKI, 2011, p 12.). Atualmente a reserva possui uma área de 23.406 hectares e é composta por setores<sup>4</sup>, sendo que em Tenente Portela são

---

<sup>4</sup> Pequenas comunidades organizadas e distribuídas ao longo do território da Terra Indígena.

cinco: Pedra Lisa, ABC, Três Soitas, Linha Esperança e Km 10; em Redentora são onze: Pau Escrito, Linha Mó, Bananeira, Irapuá, Linha São Paulo, Mato Queimado, Estiva, Laranjeira, Missão, Capoeira dos Amaros e Katiu Gria. Em Erval Seco temos uma comunidade que é a Gengibre povoada pelos Guarani, enquanto que, nas demais, vive o povo Kaingang.

**Figura 1 - Localização da TIG**



Fonte: Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/#!/pt-br/terras-indigenas/3680> - os mapas foram adaptados (06/04/2016)

Durante a pesquisa realizada na TIG, logo chamou a atenção o estilo das moradias próximas à RS-330<sup>5</sup>. Essas moradias, em todo o espaço da TIG, caracterizam-se por serem, em sua maioria, de alvenaria, contando com sala e cozinha conjugados, dois quartos separados por divisórias e uma área coberta que dá acesso à casa. Segundo

<sup>5</sup> Esta rodovia está ao longo da TIG, e é uma das principais vias de acesso dos municípios de Tenente Portela e Redentora.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

relato de um de nossos informantes, quando se iniciou a construção das casas, havia casos em que o futuro proprietário da casa pedia para que a moradia fosse feita no chão batido, sem o piso em cimento. Essa constatação corrobora com o que nos diz D'Angelis e Veiga (2003), de que atualmente os índios Kaingang não vivem mais em casas subterrâneas ou nas grandes casas, agora ocupadas pelas grandes famílias, típicas ao período anterior do contato com o *fóg*<sup>6</sup>. Outro fato que merece ser mencionado, é que as casas foram construídas próximas das cidades, em virtude da facilidade da instalação das redes de energia elétrica e a comodidade na sua edificação. Este, por sinal, foi um dos primeiros atos de aproximação das comunidades Kaingang com o *fóg*.

Mesmo com a construção das casas próximo do núcleo urbano, os Kaingang procuram viver próximos do núcleo familiar, por exemplo, quando os filhos se casam, os pais providenciam uma moradia próxima a sua. Assim, os avós permanecem, na maioria das vezes, próximos aos netos e auxiliam na sua criação dos. Com essa proximidade, a possibilidade de preservação da língua e da cultura Kaingang aumentam, pois se fortalecem, sabendo que o Kaingang é repassado verbalmente de vô para neto (SCHWINGEL; LAROQUE; PILGER, 2014).

Contudo, a aproximação da comunidade indígena com o centro urbano fez com que o Kaingang se aculturasse rapidamente com questões, por exemplo, alimentares. De acordo com Becker (1976), a alimentação do Kaingang era basicamente de produtos naturais, oriundos das matas, como mel, frutas e raízes, ainda, milho, abóbora, batata-doce e pinhão. As carnes eram oriundas da caça e da pesca. Atualmente, existe pouca mata no entorno dos locais onde vivem os Kaingang, o que dificulta a caça e a pesca. Além disso, a extinção dos animais e peixes na região fez com que os Kaingang mudassem de hábito. Alguns indígenas não possuem terra para produzir alimentos como milho, abóbora, batata-doce e amendoim. Alimentos como *fuva*<sup>7</sup>, prato típico do indígena, também se apresenta escasso no ambiente, devido ao uso de agrotóxicos na e próximo a TIG. Desta forma, os Kaingang veem-se obrigados a preparar e consumir

<sup>6</sup> *Fóg* na língua Kaingang significa não indígena.

<sup>7</sup> O *fuva*, (*Solanum americanum*), popularmente conhecida como maria-pretinha, é um prato típico da culinária Kaingang.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

alimentos oriundos da cultura do *fóg*, deixando os pratos típicos da cultura Kaingang para dias de festa.

As mudanças nos hábitos alimentares e de vestimenta é facilitada pelo comércio local, pois existem vários estabelecimentos comerciais dentro e no entorno da TIG. Vale ressaltar que muitos desses comércios, cujos proprietários não são indígenas, sobrevivem praticamente só com a venda para o público indígena. A renda para a aquisição dos mantimentos é proveniente, em muitos dos casos, do programa “Bolsa Família”, além disso, muitos vivem de trabalhos vinculados à agricultura, artesanato e outros são empregados em frigoríficos da região.

Em relação à religião, de acordo com Becker (1976), não se constatou, no passado, a existência ou submissão a um ser supremo. O que a autora encontra em seus estudos é a existência de um ritual aos mortos, pois os Kaingang acreditavam na imortalidade da alma e que algumas delas se transformavam em demônios que chamavam de *acupli*. Por isso, vigiavam a sepultura dos mortos realizando a renovação de sua cobertura, além de executar um rito em memória ao falecido, desta forma, havia a existência de sepultamentos e cemitérios na cultura antiga Kaingang. Com o passar dos tempos, os Kaingang se integram ao cristianismo, mas sem deixar de crer, ao que parece, na imortalidade da alma conforme faziam no passado. Percebemos que existe um cemitério por setor na TIG. Atualmente, na TIG, as Igrejas Católica e Luterana estão em segundo plano, pois igrejas como Só o Senhor é Deus e Assembleia de Deus, tem apresentado maior número de adeptos, principalmente esta última, que no ano de 2015 realizou aproximadamente 16 festas dentre os setores da TIG. Contudo, optamos por não levantar dados referentes a religião pois, se tornaria um campo bastante complexo, e teríamos muitos aspectos a considerar e analisar e, por isso apresentamos apenas alguns relatos que partiram dos próprios informantes.

Conforme nossos dados, os Kaingang deixaram de realizar seus cultos religiosos e deram abertura para a entrada de outras igrejas, na comunidade. De acordo com nosso informante,



M1: “Aqui nós temos algumas igrejas que proíbem alguma cultura nossa. A igreja proíbe de fazer uma apresentação, isso complica bastante”.

Ao que parece, algumas religiões afirmam que as danças são na verdade rituais, e por isso não são permitidas. No que se refere ao uso linguístico, o informante nos relata que

M3: “Ai na igreja parece que você se sente obrigado a falar o português, porque o Kaingang é sempre deixado de lado na igreja...”

Isso nos mostra que igrejas podem ser grandes inibidoras no que se trata da manutenção da língua Kaingang. Certamente o fato de o pastor ou ministro não falar Kaingang e, de a língua dos cultos ser exclusivamente o português, obriga os indígenas a utilizar mais esta, do que o Kaingang.

No quesito saúde, Cenci (1994) aponta para o fato de cada vez menos os indígenas recorrerem à medicina tradicional, ou seja, o uso de ervas medicinais para o tratamento de doenças. De acordo com o relato do informante *fóg*, o abandono do uso dos chás no tratamento de enfermidades pode estar relacionado a certas políticas ou programas que pregavam a necessidade do uso de medicamentos alopáticos<sup>8</sup>, considerando o uso dos chás um tratamento curativo ineficiente. Atualmente os setores apresentam uma espécie de mini-posto de atendimento à saúde. Nesse posto, o atendimento médico, odontológico e o atendimento por enfermeiros não é regular. Os profissionais que atuam na área da saúde, devem ser, preferencialmente, indígenas, porém, nem sempre a SESAI<sup>9</sup> (Secretaria Especial de Saúde Indígena) consegue atender a esse pré-requisito, por não haver Kaingang formados nessas áreas, e acaba então, contratando *fóg* para o trabalho.

No decorrer da pesquisa, notamos que outras instituições como a EMATER, o COMIN e a própria FUNAI realizam trabalhos de assistência a essas comunidades. Vale

<sup>8</sup> Medicamento feito de substâncias processadas. Fonte: <http://www.portaleducacao.com.br/farmacia/artigos/61692/principais-tipos-de-medicamentos>

<sup>9</sup> Órgão responsável pela saúde indígena.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

lembrar que todas essas instituições estão devidamente autorizadas pela FUNAI a prestarem seus serviços dentro da TIG. A EMATER, por exemplo, dá assistência no quesito da agricultura familiar, na produção de batata doce, na criação de animais de pequeno porte, como frangos, peixes e porcos. Eles também auxiliam a mulher Kaingang na confecção de artesanato para ser comercializado nos centros urbanos. Já o COMIN, tem a missão de contribuir na promoção da justiça e do respeito aos povos indígenas, promover o diálogo e a convivência reconciliada em favor da construção de uma sociedade plural<sup>10</sup>. A Funai, por sua vez, tem o compromisso de executar as políticas indigenistas do Governo Federal, sendo sua missão, proteger e promover os direitos dos índios de todo o território brasileiro, bem como monitorar e fiscalizar as terras indígenas além de assegurar o acesso aos direitos sociais e de cidadania aos povos indígenas<sup>11</sup>. A maioria dos funcionários dessas instituições não são Kaingang, portanto também não são falantes dessa variedade, promovendo com isso, a substituição do Kaingang pelo português.

Em meio a tantos contatos entre Kaingang e não indígenas descritos até então, oriundos das mais diferentes formas, descrevemos agora a atual situação da educação Kaingang na TIG. Segundo Schwingel; Larolet e Pilger (2014, p: 39) “a escola auxilia na revitalização da língua Kaingang”, além disso, afirmam que a escola é o espaço onde a criança e o jovem terão acesso aos conhecimentos necessários para a sobrevivência na sociedade do não indígena, ou seja, complementos para as necessidades diárias. Já a educação recebida na comunidade vem de uma raiz enquanto povo, e isso se dá principalmente, quando as crianças aprendem o ofício do artesanato, no momento da interação com pais e avós. Aliás, os velhos na cultura Kaingang são os grandes detentores do saber, dão conselhos e ensinam os mais novos (SCHWINGEL; LAROLE E PILGER, 2014). Visto que a instituição escola não faz parte da cultura Kaingang, esta lhes é imposta pela sociedade não indígena. Por outro lado, ela também é importante para a inserção do indígena no mundo atual *fóg*, pois ele vive entre duas

<sup>10</sup> Mais informações em: <http://comin.org.br/institucional>

<sup>11</sup> Informações retiradas do site da Funai, disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/a-funai>



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

fronteiras culturais. Uma delas é representada pela própria cultura indígena e a outra a cultura do não indígena.

Atualmente, a TIG conta com 11 escolas de Ensino Fundamental e 01 de Ensino Médio, que são frequentadas por estudantes Kaingang. Essas escolas estão sob responsabilidade do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Os professores são, na maioria, contratados, e são aprovados ou indicados pelas lideranças indígenas. Existe um grande número de professores *fóg*, inclusive diretores de escola, pois a demanda de profissionais é maior que o número de professores indígenas existentes. Muitos indígenas estão buscando formação no Magistério, na cidade de Miraguá, porém, este curso é oferecido em uma escola, onde o público-alvo não são os indígenas. O estado oferece um curso de Magistério voltado aos indígenas em outra TI. No entanto, por haver divergências entre os caciques, e também por ser distante, os indígenas optam por estudar na escola de Miraguá. Em nível de Universidade, muitos indígenas estão se formando na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que possui um curso especialmente voltado à formação de professores indígenas.

No que se refere à questão linguística, praticamente todas as escolas trabalham inicialmente com o Kaingang até o 4º ano. Algumas trabalham juntamente o português e o Kaingang. A partir do 4º ano, é dado maior enfoque à língua portuguesa. Pela falta de professores habilitados, o ensino da língua Kaingang fica à mercê da redistribuição dos professores entre as escolas. Como nos fora relatado por um informante, no setor da Missão, o ensino de Kaingang quase foi extinto por haver grande dificuldade em encontrar professores habilitados a trabalhar com o idioma. Salientamos que no passado quem frequentou a escola na infância ou adolescência, não teve o ensino da língua Kaingang por não haver professores, desta forma, a aula era ministrada em língua portuguesa (CLAUDINO, 2015). Esse foi, pode-se assim dizer, um grande fator de exclusão da língua Kaingang, pois o fato deles terem que aprender e de serem alfabetizados em língua portuguesa, fez com que o uso dessa se fortalecesse dentro da TIG.





## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Em entrevista com um professor indígena, tivemos o relato da presença da televisão e do rádio nas moradias dos mais jovens da comunidade Kaingang, faz com que as crianças cheguem à escola com maior conhecimento da língua portuguesa, o que não acontecia no passado. Além disso, a maioria dos jovens têm acesso à internet através dos celulares e fazem uso de redes sociais. Segundo Costa (2010) “muitas crianças indígenas, mesmo vivendo com suas famílias, bem cedo, são expostas à escola ocidental, à televisão e até mesmo à internet, o que é natural para quem vive nas fronteiras culturais”. Essa exposição ora pode ser positiva ora negativa.

O positivo é quando a comunidade, ou o próprio indivíduo, utiliza-se dessa tecnologia para fortalecer seus laços culturais, discutir e promover debates de interesse dos grupos indígenas e divulgar a sua cultura. Na TIG celulares e câmeras são utilizadas na gravação de apresentações de grupos de danças e posterior divulgação, bem como, gravação de histórias orais contadas pelos *kofá*<sup>12</sup> como forma de preservação. O lado negativo é que grande parte do conteúdo provindo das tecnologias é para a sociedade do não indígena, é a língua de uma cultura dominante que se aproxima do indígena. De acordo com Costa (2010) a tarefa da escola e da comunidade é adaptar as tecnologias para a preservação da cultura e língua indígena. Ao pensarmos em revitalização e preservação de aspectos que identificam os povos indígenas, como a língua, essa seria uma atitude positiva utilizada pela comunidade de falantes Kaingang, pois são fundamentais em processos de revitalizações das línguas (GARCIA, 2009, p. 102). Quanto mais positivas forem as atitudes, mais chances a língua tem de ser passada às futuras gerações.

Outro fator que auxilia na revitalização e manutenção das línguas indígenas é a catalogação e a descrição destas línguas. Primeiro, que a cultura do não indígena dá muito valor à língua escrita e isso pode refletir nas ações de revitalização. Segundo, muitas línguas indígenas não têm uma escrita formalizada e dicionarizada, mantendo-se apenas na base da oralidade, sendo esta repassada de pai para filho. De acordo com D'Angelis (2014, p. 104) a existência da escrita garante a vitalidade das línguas.

---

<sup>12</sup> Os mais velhos e sábios.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Uma forma de promover o registro e o estudo dessas variedades minoritárias, atualmente, em nível nacional, contamos com o Decreto nº 7387 de 9 de dezembro de 2010, que surge da iniciativa e no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) e do Grupo de Trabalho sobre a Diversidade Linguística (GTDL), que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como forma de oficializar a identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira. Existe também o Programa de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin) que iniciou os trabalhos em junho de 2009 no Museu do Índio/Funai, com o amparo da Unesco e da Fundação Banco do Brasil (FRANCHETTO, 2006/2010). O censo do IBGE de 2010 também ampliou seu questionário, a fim de que a sociedade em geral tenha um maior panorama da situação linguística indígena no país. No entanto, muito pouco disso chegou até a comunidade Kaingang em questão.

Vale ressaltar que nenhuma política linguística, programa ou algo relacionado à revitalização surtirá resultado, se isso não for um desejo oriundo dos próprios falantes. Eles são os detentores do poder de preservar ou mesmo revitalizar uma língua ou não. Políticas ou ações nesse sentido, oriundas dos membros da comunidade são chamadas de ações *in vivo*, enquanto que aquelas que são realizadas sem a participação dos membros da comunidade, técnicas impostas de fora para dentro, são denominadas *in vitro*. A importância da participação dos falantes na gestão de suas línguas é fundamental, daí a priorização de ações *in vivo* (OLIVEIRA & ALTENHOFEN, 2011).

Relacionando o que foi exposto até o presente momento em termos de atitudes, crenças, o próprio contexto linguístico e as ações *in vivo* e *in vitro*, apresentaremos alguns dados de pesquisas realizadas em 2016 com oito informantes (quatro homens<sup>13</sup> e quatro mulheres<sup>14</sup>) na TIG<sup>15</sup>. A partir desses dados, será possível ter uma noção mínima

<sup>13</sup> Por questão de sigilo, utilizamos as siglas M1, M2, M3 e M4 para identificar os quatro informantes do grupo masculino/homens. M1 e M2 são os informantes jovens e M3 e M4 são os mais velhos.

<sup>14</sup> Por questão de sigilo, utilizamos as siglas F1, F2, F3 e F4 para identificar as quatro informantes do grupo feminino/mulheres. F1 e F2 são as informantes jovens e F3 e F4 são as mais velhas.

<sup>15</sup> A pesquisa completa, para melhor compreensão das análises realizadas, está disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/725>



de como está e de como é o cenário linguístico desta comunidade. Para este artigo, foram selecionadas oito questões extraídas e adaptadas do questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF) (Krug, 2013), apenas a título de ilustração e descrição<sup>16</sup>.

As perguntas são as seguintes:

- 1) Que língua costuma falar em família? (pergunta 1 do ALCF)
- 2) Em que língua mais gosta de conversar? (pergunta 4 do ALCF)
- 3) De modo geral costuma usar mais Kaingang ou português? (pergunta 5 do ALCF)
- 4) Quando vem visita que língua costuma falar? (pergunta 6 do ALCF)
- 5) Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia sua língua de casa – Kaingang - mas insistia em falar só português? (pergunta 9 do ALCF)
- 6) O que acha das pessoas que só falam português e nunca a sua própria língua de casa Kaingang/Guarani? (pergunta 8 do ALCF)
- 7) Como aprendeu o português? (pergunta 10 do ALCF)
- 8) Acha importante que os filhos aprendam a língua dos pais? (pergunta 25 do ALCF)

Assim, quando questionados sobre a língua “Que costumam falar em família”, (pergunta 1) os quatro informantes masculinos afirmam falar Kaingang e português, enquanto que, das quatro informantes femininas, apenas uma afirma falar somente em Kaingang, enquanto que as outras falam apenas o português. Uma das informantes relatou:

F4: “Eu falo o português, porque eu não aprendi o Kaingang, montá a língua, mas eu entendo assim, as palavra, só não consigo montá elas”.

---

<sup>16</sup> Mantemos a numeração original do questionário do ALCF.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

Estes dados vão ao encontro do que nos diz Chambers & Trudgill (2004), de que as mulheres geralmente apresentam um maior uso da língua majoritária, no caso o português, do que os homens, e que são elas que normalmente iniciam a substituição linguística na comunidade (TRUDGILL, 2000; PILLER & PAVLENKO 2004).

Na pergunta 2, “Em que língua gosta mais de conversar”, dois informantes masculinos e um feminino, disseram que gostam de conversar somente em Kaingang. Dois masculinos gostam de conversar nas duas línguas e três mulheres disseram que gostam de falar somente em português. Estes resultados podem estar relacionados a determinadas políticas linguísticas a qual foram submetidos, pois a geração dos mais idosos, ao frequentar a escola, teve apenas o ensino da língua portuguesa, pois a língua indígena era proibida (MINDLIN, 2002, p. 109; LUCIANO, 2006, p. 124), ação essa que fazia parte da política integracionista a qual incentivava o abandono da língua indígena através do casamento com o não indígena (CLAUDINO, 2015, p. 48). Os mais jovens, por sua vez, viveram uma realidade diferente. Na escola, já se ensinava o Kaingang, devido à nova lei da Constituição de 1988, e, ao mesmo tempo, à luta pelos direitos indígenas foi vivenciada por essa geração. Percebemos, nesta questão novamente, uma maior inclinação no grupo feminino para o uso do português, segundo uma das informantes de mais idade:

F3: “Eu falo o português... porque os meus pais não aprenderam, porque os avôs não ensinaram”.

Na pergunta 3, “De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou o português?” três informantes do grupo masculino disseram que costumam falar o Kaingang e o português, ao mesmo tempo um informante afirmou que costuma falar mais o Kaingang. No caso das mulheres, três delas relataram que costumam falar mais o português e uma informante que costuma falar mais o Kaingang.

Novamente, verifica-se que no grupo masculino a maioria fala o português e o Kaingang, principalmente os mais idosos. No que tange ao grupo feminino de uma forma geral, as mulheres costumam falar mais a língua portuguesa. Já os homens falam



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

mais a língua indígena, quando comparados com as mulheres, por serem mais conservadores quanto às inovações e normas de prestígio, corroborando com o que diz Chambers & Trudgill (2004) a respeito das mulheres serem mais inovadoras às formas de prestígio.

Ainda, o que pode levar os informantes a declararem que falam as duas línguas é o fato de haver um grande contato com os *fóg*, seja dentro ou fora da TI, como nos diz um dos informantes masculinos mais jovens:

M4: “Uso mais Kaingang. Mas quando saio é mais português... os dois”.

Da mesma forma, uma das mulheres diz que:

F2: “Mais é o Kaingang. Eu só falo o português com quem não sabe mesmo falar o Kaingang sabe, daí a gente se obriga a falar o português né”.

A pergunta 4 que realizamos, vai de encontro ao que obtivemos de respostas na pergunta 3, “Quando vem visita, que língua prefere usar?”, quanto às preferências de uso das variedades linguísticas. Temos os seguintes resultados: um informante do grupo masculino afirmou que prefere usar o Kaingang; os demais informantes masculinos, disseram que preferem usar o português e o Kaingang. No grupo feminino, três informantes afirmam que preferem usar o português, enquanto uma delas, prefere usar o Kaingang com as visitas.

Os informantes explicam que falam a língua que o outro (a visita) for usar, como nos diz um informante masculino:

M1: “Por exemplo, se ele puxar na língua português, eu sou obrigado a falar com ele na língua português, e se ele puxar na língua Kaingang eu sou obrigado a falar Kaingang, né, porque... respeitando as pessoas né, que chegam conversar com a gente”.

Da mesma forma, outro informante corrobora:



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

M4: “Ai depende né, porque hoje nós temos hoje bastante índios Kaingang né, que fala o português diariamente né, então se chega esse pessoal, a gente conversa com ele em, em português no caso né, daí se ele chega falando Kaingang a gente conversa em Kaingang”.

Esses dados revelam que o grupo masculino parece preocupar-se em adequar sua variedade linguística ao outro em uma espécie de acordo linguístico obrigatório para que a comunicação entre ambos ocorra. O que também se subentende é que, de uma forma geral, são os indígenas que se adaptam a falar o português, que nenhum indivíduo *fóg* chega até eles falando a variedade indígena. Vale ressaltar, que dos informantes não indígenas que colaboraram com a pesquisa, nenhum deles dominava a variedade Kaingang.

Todavia, o português está bastante presente no cotidiano indígena, de acordo com as respostas à pergunta 5: “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Kaingang, mas insistia em só falar português?”. Obtivemos os seguintes resultados: 4 informantes masculinos declararam que já ocorreu de estar com alguém que sabia a língua de casa/Kaingang, mas insistia em falar em português e 3 informantes do grupo feminino afirmaram o mesmo. Uma delas, disse que isso nunca aconteceu com ela.

Podemos considerar que praticamente todos os informantes afirmaram que passaram pela situação de estarem com alguém que sabia falar o Kaingang, mas insistia em falar o Português, pois uma informante esclarece:

F4: “Não, só a minha família que não sabe falar o Kaingang”.

Na conversa inicial que tivemos com essa informante, ela nos disse que as famílias Sales e Ribeiro não falam a variedade indígena, e relatou também que suas noras, índias puras, não ensinaram o marido nem os filhos a falar Kaingang, mas que sua filha, que se casou com um índio puro, aprendeu a falar Kaingang e os filhos do

casal também. Isso mostra que a língua que o homem usa vai ser adotada pela família, dentro deste grupo.

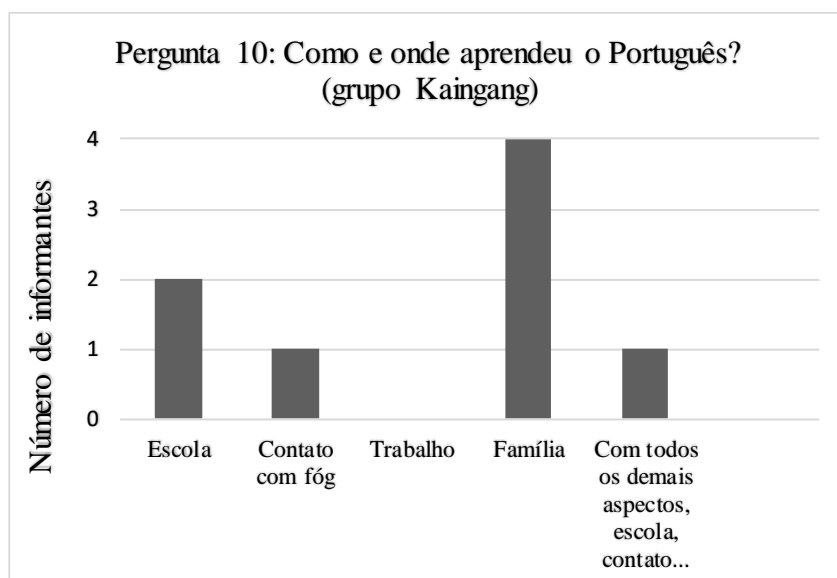
Quando questionamos os informantes (pergunta 6) “O que acha das pessoas que só falam português e nunca a sua própria língua de casa Kaingang?”, um informante masculino diz que:

MI: “Eu, pra mim é uma desvalorização no caso daí, porque mesmo sabendo porque hoje tem alguns colegas também né mesmo eles sabendo falar, eles entendem tudo, mas eles falam que não entendem. Então, por que hoje em dia a nossa língua Kaingang é vista como uma língua feia né”.

Isso demonstra que a língua com maior prestígio e *status*, a variedade do português, se sobressai, e o Kaingang é visto como língua feia, uma crença que pode interferir na manutenção da língua indígena.

Ainda a respeito da língua portuguesa, levantamos dados sobre como ela é aprendida pelos informantes, por meio da pergunta 7 do questionário, sendo que foram obtidos os seguintes resultados, como podemos visualizar no gráfico seguinte:

**Gráfico 1:** Pergunta 7: Como aprendeu o português?



Fonte: Dados da pesquisa (2016).



Segundo o gráfico, quatro informantes declararam que aprenderam a língua portuguesa com a família: três mulheres e um homem. Sendo este o número mais expressivo de respostas, podemos dizer que a língua portuguesa é falada na maioria das famílias, e que foram os informantes do grupo feminino (três de quatro) que aprenderam o português no grupo familiar.

Dois informantes declaram que aprenderam na escola: um homem jovem e uma mulher jovem, o que nos leva a crer que, para parte dos mais jovens do grupo Kaingang o primeiro contato com o português foi na escola. A maioria dos mais velhos, segundo os dados, não aprendeu o português na escola, e sim com a família, principalmente o grupo feminino. Um informante masculino afirmou que aprendeu com tudo, com a família, com a escola, com o contato e um informante masculino aprendeu com o contato com o *fóg*. Esse fato de os mais velhos aprenderem o português no núcleo familiar pode estar relacionado às políticas linguísticas já mencionadas na questão 2.

Os dados da tabela revelam que os informantes aprendem o português na família, na escola e no contato, nenhum deles indicou o trabalho como uma forma de aprender a língua do *fóg*, apesar de estar presente nas sugestões. Mas, é relevante mencionar que o trabalho realizado fora da TIG é um processo muito recente e provavelmente somente os indígenas que possuem uma boa fluência no português possuam vínculos empregatícios fora da TIG. Ou seja, ao alcançarem a idade para trabalhar, os indígenas já possuem domínio na língua portuguesa, por já terem aprendido quando criança ou jovem, enquanto estavam na escola e na presença da família.

Finalizando com a pergunta 8, “Acha importante que os filhos aprendam Kaingang dos pais? Por quê?” encontramos as seguintes respostas: Segundo os dados, todos os informantes acham importante ensinar a língua indígena para os filhos. Contudo, muitos, apesar de responderem que acham importante, não ensinaram os filhos a falar ou, principalmente, não incentivam o uso do Kaingang. Quanto ao porquê ser importante ensinar a língua indígena, não obtivemos respostas significativas, já que simplesmente diziam que era importante. Um informante masculino comentou:





## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

M2: "...por causa que hoje, o último vestibular que saiu a pouco agora na UFSC a redação era em Kaingang... então não tem como deixar pra trás".

Este dado nos revela a existência de uma crença, ou seja, uma forma de pensamento, uma maneira de ver e perceber o mundo e seus fenômenos (BARCELOS 2007 apud BOTASSINI, 2015, p.107) de que é importante ensinar o Kaingang aos filhos. Por outro lado, a atitude não se realiza, pois não se ensina, ou, como já mencionamos, não se incentiva o uso do Kaingang nas famílias.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que expomos no presente artigo, foi possível chegar às seguintes conclusões: olhando o contato a partir da localização e mobilidade dos Kaingang, podemos dizer que a mobilidade proporciona um maior contato com a população não indígena, assim como a localização dos setores na TIG, se compararmos com tempos mais remotos.

Quanto a idade dos informantes e o gênero, temos as mulheres como grupo de falantes que mais faz uso da língua portuguesa em comparação com o Kaingang, visto que algumas nem o aprenderam. Este fato é percebido, a partir dos dados, desde a geração mais jovem até a mais velha. Já entre os informantes homens, tanto jovens, quanto mais velhos, o uso do Kaingang é maior, e podemos dizer que se equipara ao uso do português.

No quesito religião, segundo dados analisados, esta não dá margem ao uso da língua indígena. Isto se dá por seus pregadores não serem falantes fluentes do Kaingang.

Vimos que a escola é a responsável por inserir o português na vida das crianças Kaingang. Vale ressaltar que muitas crianças vêm para a escola com grande conhecimento da língua portuguesa na forma oral. Isso se deve, em grande parte, pelo



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

uso dos meios de comunicação de massa e pelo uso de tecnologias como TV, rádio, celular, dentre outros.

Também as instituições de apoio dentro da TIG são responsáveis pelo não uso do Kaingang, pois seus profissionais não dominam a variedade indígena, obrigando aos usuários indígenas a fazerem uso do português.

Após constatarmos toda essa situação de contato entre os Kaingang e o não indígena, percebemos que principalmente as mulheres já não dominam mais o Kaingang nessa comunidade, mas que ainda têm o interesse em repassar e manter a língua indígena viva. Porém esse interesse esbarra em questões de atitudes e crenças que fazem com que os falantes fiquem inibidos de falar e também não se sentem confiantes em repassar o Kaingang para seus descendentes. Muito disso poderia ser evitado com a aplicação de políticas linguísticas *in vivo* na própria escola, utilizando, por exemplo, a tecnologia a favor da diversidade linguística, neste caso, na língua Kaingang, além da conscientização do valor da língua para a manutenção da cultura.

Essa comunidade indígena passa por uma recente reflexão da importância da sua língua e que, a partir dessa reflexão, o Kaingang possa ser revitalizado e mantido por meio de ações com as quais os próprios indígenas se deem conta e valorizem cada vez mais a sua língua Kaingang.

### REFERÊNCIAS

BECKER, Ítala Irene Basile. O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul. **Antropologia**. São Leopoldo: n°: 29, 1976.

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge University Press: 2ª edição, 2004 [1998].

CLAUDINO, Cleci. **O Papel Social da Mulher Kaingang na Terra Indígena Guarita**. Trabalho de conclusão de Curso. UFSC. Florianópolis, 2015.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

COSTA, Alda Cristina. A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida Aikewára. **3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias de Educação**. 2010.

D'ANGELIS, Wilmar. Línguas Indígenas no Brasil: Urgência de Ações para que sobrevivam. In: BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. (Org.). **Revitalização de Língua Indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/EGBA, 2014. 232p.

D'ANGELIS, Wilmar R; VEIGA Juracilda. Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado. **Cadernos do Ceon**. Chapecó: n° 18., 2003, p. 213-242.

EMATER/RS ASCAR. **Relatório Diagnóstico da Situação Comunidade – TI Guarita**. Escritório da Unidade Indígena de Tenente Portela, 2014.

FRANCHETTO, Bruna. Que País Multilíngue é Este? In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. **Povos Indígenas no Brasil – 2006/2010**. Instituto Socioambiental.

GARCIA, Mariana de Souza. O Papel das Atitudes Linguísticas na Manutenção ou não da Língua Indígena em Comunidades Indígenas Bilíngues: O caso Ipegue/Terena. **Revista Via Litterae**. Anápolis: v. 01, n°: 01, p. 99-118, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Características Gerais dos Povos indígenas**. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/tab\\_3\\_01.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/tab_3_01.pdf)>. Acesso em: 15/09/2014.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. Direitos reservados: FAPERGS/UFRS, 2013.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. ISBN 85-98171-57-3.

MINDLIN, Betty. A Política Educacional Indígena no Período 1995-2002. In: **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.1, n.2, dez. 2004, p.101-140.

OLIVEIRA, Gilvan Müller; ALTENHOFEN, Cléo V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p. 187-216.

PILLER, Ingrid; PAVLENKO, Aneta. Bilingualism and gender. In: BHATIA, Tejk; RITCHIE, William C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 489- 510.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An introduction to Language and Society**. London: Penguin Books, 2ª edição. 2000 [1974].



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

WISNIEWSKI, Fernanda. **A terra Indígena do Guarita -RS e o Seu Processo de Formação.** Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300876916\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnpuh.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300876916_ARQUIVO_ArtigoAnpuh.pdf)>. Acesso em: 01/07/2014.

Recebido Para Publicação em 31 de maio de 2019.

Aprovado Para Publicação em 29 de julho de 2019.